

A PRÁTICA DE TRADUÇÃO NAS COMUNIDADES GUARANI E KAIOWÁ EM MATO GROSSO DO SUL

Pedro Pablo Velasquez (FAIND-UFGD)¹³⁹
Andérbio da Silva Martins (FAIND-UFGD)¹⁴⁰
Adriana de Oliveira Salles (FAIND-UFGD)¹⁴¹

RESUMO

O objetivo desse artigo é tecer algumas considerações sobre a teoria e técnica de tradução como prática constante nas comunidades Guaraní e Kaiowá de Mato Grosso Du Sul. Observa-se que devido à falta de material didático escrito na língua materna dessas comunidades, e a necessidade de se apropriarem dos conhecimentos universais na sua língua materna, os docentes das aldeias recorrem à prática de tradução como instrumento utilizado em sala de aula para amenizar a falta desses materiais escritos em língua guarani e alcançar os objetivos propostos de ensino de língua materna. Os pressupostos teóricos que permeiam a nossa reflexão são: Arrojo, (1986, 2003), Ascher&Vizioli (1993), Barbosa (1990), Greuel (1987), Grojean (1982), Wandruzca (1982).

Palavras chave – Tradução; Guaraní; Kaiowá

1. Introdução

Desde tempos remotos, as comunidades se comunicam por vários sistemas de interação, entre elas, temos o da tradução, esta por sua vez, traz no seu bojo particularidades próprias dessa prática. A tradução envolve critérios únicos de interpretação e compreensão textual do qual exige perspicácia e observação do leitor que se propõe a elaborar um trabalho profissional e ético.

O país vizinho, Paraguai, convive com os dois sistemas linguísticos, o Guaraní e o Castelhana, e ainda existe a língua que se conhece por *jopara*. Na sociedade paraguaia utiliza-se da prática de tradução há muito tempo e isso permitiu que fossem realizadas várias traduções. O tradutor paraguaio que percorreu o caminho da tradução já na década de 50 foi Félix Gimenez Gomez (Félix de Guaranía). Um dos seus primeiros trabalhos foi a tradução do Hino Nacional paraguaio para a Língua Guaraní. Outras obras traduzidas são de Gustavo Adolfo Bécquer, de José Martí, José Hernandez (a obra, Martín Fierro), e parte de *Don Quijote de La Mancha* de Miguel de Cervantes y Saavedra (1547-1616). Além dessas obras, Félix Gimenez Gomez, ainda contribuiu para a tradução da Constituição paraguaia.

¹³⁹ Pedro Pablo Velasquez- Ms- Docente da FAIND-UFGD. pedrovelasquez@ufgd.edu.br

¹⁴⁰ Andérbio Marcio Silva Martins – Dr. Coordenador Licenciatura Indígena Teko Arandu da FAIND – UFGD. anderbiomartins@ufgd.edu.br

¹⁴¹ Adriana de Oliveira Salles – Ms – Docente da FAIND-UFGD. adrianasales@ufgd.edu.br

Há uma visão hegemônica sobre a prática de tradução, acredita-se que traduzir é simplesmente a transposição de uma língua para outra. No entanto, com um olhar mais crítico, vemos que não se trata de uma prática simples, pois, aquilo que se diz numa determinada língua pode não ser dito na outra da mesma forma, com o mesmo valor de sentido, ou podemos ainda destacar que as modalidades de uma determinada língua adquirem formas e forças distintas em diferentes contextos e situações de interação.

No se trata, pues simplemente de que no se traducen las palabras. Antes bien, hay que decir que no se traducen los significados, los contenidos de la lengua como tales: más aún que la traducción o atañe si quiera al plano de las lenguas, sino al plano de los textos. Sólo se traducen textos, y los textos no se elaboran solo con medios lingüísticos, sino también, y en medida diversa según los casos, con la ayuda de medios extralingüísticos. (COSERIU, 1984 in: Lima, 1999, p.43)

Ainda segundo Lima, quando um sujeito se propõe a realizar uma tradução, deve fazê-lo de modo auspicioso para que o produto final surta o efeito desejado, pois os fenômenos lingüísticos, extralingüísticos, pragmáticos e sócio-pragmáticos devem fazer parte de sua observação, pois são essas características que permitirão chegar a um resultado satisfatório.

As comunidades Guarani e Kaiowá utilizam-se dessa prática continuamente, não somente em sala de aula, senão no seu dia a dia. Esse fenômeno é uma constante no próprio indivíduo, considerando que a primeira língua deles é o Guarani. Os sujeitos bilíngues (Guarani/português) passam por esse processo quando entram em contato com a comunidade maior, as informações que circulam no cotidiano das aldeias são em língua portuguesa e a transferência de uma língua para outra ocorre cognitivamente, principalmente nas aldeias próximas às cidades. Esses fenômenos de transferência, transposição, revelação e manifestação compõem o que se conhece por tradução.

Nas aldeias do Cone Sul de Mato Grosso do Sul, as informações escritas são na Língua majoritária, (Português), nessa perspectiva, o ato de re-interpretação é necessário para poder compreender a informação.

2. Algumas reflexões teóricas

A prática e a teoria da tradução são dois fenômenos que devem ser devidamente observados, pois, uma depende da outra, ou seja, os resultados serão satisfatórios quando essas duas características são levadas em consideração. Uma tradução é um resultado final de um processo que começa com a leitura e compreensão de um texto de partida, cujo sentido é vertido para o outro idioma, e termina apenas com a compreensão do texto traduzido. Isto é,

“entre o texto original e o texto final está o tradutor envolvido numa múltipla tarefa hermenêutica”(GREUEL, 1997,p.4).

Corroborando com esse autor, podemos dizer que a tarefa do tradutor perpassa pela observação, análise, compreensão e por fim a transferência de um fenômeno novo e único como resultado de todo o seu processo mental. Por outro lado, tudo aquilo que se interpretou deverá ser reduzido à escrita. Esses fatores vêm sendo estudado por autores que pesquisam comunidades bilíngues, pois o uso alternado de uma ou outra língua por um determinado indivíduo permite que se faça uso de traduções e interpretações distintas em determinadas sociedades, ou seja:

Todo comportamento verbal é governado por normas sociais que especificam os papéis dos participantes, direitos e deveres em relação um com o outro, tópicos autorizados, maneiras apropriadas de falar e maneiras de introduzir informação (GUMPERZ, 1982, p.164).

Dessa forma, traduzir nunca será a simples transcodificação de monossistema *standart*(padrão) para outro monossistema *standart*, mas sim, e em qualquer circunstâncias, a procura por equivalências entre os dois sistemas extremamente complexos. Nesse sentido, o bilinguismo do tradutor é um Bi-plurilinguismo. Barbosa, (1990). Os sistemas complexos se definem pelo diferentes contextos situacionais de interação comunicativa que permeiam os modos de agir e pensar dos participantes de uma determinada comunidade. Nessa perspectiva, podemos dizer que as línguas adquirem distintos modos de (re) definir significados, seja ele cognitivo ou societal. (SAPIR, 1954 in: Lima, p.40) E, além disso, cada sociedade é proprietária de um grupo de elementos linguísticos, que se configura de acordo com a percepção de cada uma dessas comunidades, isto é, os indivíduos se percebem como pertencente a uma determinada etnia fazem uso da mesma língua na interação comunicativa e os valores e crenças se estabelecem a partir dessa língua.

3. O Polissistema das línguas

Quando falamos em tradução, os fenômenos linguísticos que envolvem a atividade do tradutor perpassam necessariamente por caminhos que envolvem: O polissistema das línguas, o tradutor e os fenômenos linguísticos. Entende-se por polissistema as mais variadas formas que a língua adquire numa determinada sociedade, isto é, o modo como as configurações do mundo cósmico é percebido pelos seus usuários num determinado, tempo e espaço. Esses fenômenos denominam-se tonalidades linguísticas.

Nessa perspectiva, cabe destacar que as tonalidades da língua não estão restritas somente aos sons que ela produz, senão às diversas tonalidades que adquire durante a interação que

permite ao interlocutor a concepção, a interpretação, à avaliação e a conclusão do discurso num determinado tempo e espaço de interação comunicativa. A distribuição dos índices, das tonalidades¹⁴² através das formas e das estruturas é frequentemente caprichosa e assistemática. (WANDRUZCA, 1982, p. 166)

Todas as sociedades possuem um sistema linguístico que o caracteriza como sendo diferentes das outras comunidades, esses sistemas compõem-se de elementos específicos determinados por fatores únicos e individuais que tem relação com o seu usuário. Para cada constituinte linguístico existe um determinado símbolo e significado próprio daquela comunidade, por isso, algumas sociedades possuem um determinado elemento linguístico que em outras sociedades podem não existir, ou simplesmente não é utilizado, a ainda assim, a mensagem não será prejudicada.

Nessa perspectiva, a Língua “X” pode conter num determinado registro que na Língua Alvo não existe, para tanto o tradutor deverá escolher uma compensação num outro ponto do discurso. Este fenômeno ocorre com frequência nas comunidades indígenas por estas serem tradicionalmente ágrafas, *“el sentido de una palabra no es más que la media entre los usos lingüísticos que de ellas hacen los individuos y los grupos de una misma sociedad”* (MELLIET in: Lima, 1999, p. 51).

4. A compreensão textual do tradutor

Compreender um texto é uma tarefa que envolve fatores como leitura, interação, percepção e experiências vividas. O leitor/tradutor precisa estar em comunicação direta com o seu mundo e com o do outro, e isso não está restrito ao conhecimento sistêmico da língua senão a tudo o que ela representa para a comunidade. Essa dualidade só funcionará se o sujeito (tradutor) vivenciar situações parecidas com aquela que envolve uma determinada língua a ser traduzida, ou seja: *“Toda tradução, por mais simples que seja, trai sua procedência, revela as opções, as circunstâncias, o tempo e a história de seu realizador”*. (ARROJO, 2003, p.68) Cabe destacar ainda que os limites da compreensão e interpretação de um leitor perpassa por vários fatores, a seguir podemos destacar dois que julgamos importantes para poder compreender o texto.

O primeiro fator ocorre quando o leitor tem os primeiros contatos com o material a ser traduzido, ao que se denomina de decodificação, isto é, os códigos linguísticos são assimilados

¹⁴²Entede-se por *“índices de tonalidade da língua”* às funções socio-pragmáticas que ela exerce num determinado contexto situacional, estas funções podem se situar no interior da língua como: funções morfológicas, sintáticas e lexicais, mas também podem ser observadas fora do sistema sincrônico da língua, essas talvez sejam as de maior relevância quando se trata de tradução, pois estas dizem respeito à maneira de como uma determinada sociedade percebe o mundo. (COSERIU, 1984)

pelo leitor/tradutor e, para numa segunda etapa serem relacionados num processo cognitivo, isto é, *“O foco interpretativo é transferido do texto, como receptáculo da intenção “original” do autor, para o intérprete, o leitor ou tradutor”*. (ARROJO, 1986, p.41). O segundo fator ocorre quando o leitor faz as relações com as experiências de vida e a relaciona com a sua comunidade interpretativa. É nesse momento que o leitor apreende (e compreende) os significados e o transmite numa tarefa hermenêutica de relação: texto – processo mental – significado e resultado final. Enquanto o leitor não percorrer esse caminhos, os processos mentais se dispersam e podem chegar a resultados pouco satisfatórios. (Barbosa, 1999)

Consideramos a existência de duas línguas: Kaiowá e Nhandéva, sendo esta última chamada pelos indígenas das comunidades de Mato Grosso do Sul de Guaraní. Utilizamos a expressão Guaraní/Kaiowá a qual é utilizada pelos antropólogos para se referir ao povo, especificamente.

5. A comunidade interpretativa

O princípio de leitura está permeado por fatores que determinam a interpretação e compreensão textual do sujeito com respeito ao texto. É importante destacar que as relações entre as partes que definem os resultados de uma leitura entre sujeito e material linguístico estão relacionados com fenômenos diversos inerentes ao próprio sujeito. Esses fatores influenciam tanto no leitor quanto o escritor do texto. (cf. ARROJO, 1986).

O indivíduo produtor de um texto encontra-se frente a atividades modulares de escrita e propósitos permeados pelo próprio sujeito e amparado pelos elementos identitários, desse modo, os papéis que entram em contato nesta perspectiva são: a) os fenômenos de identificação do escritor do texto; b) os processos que definem a tomada de decisão quanto à escolha do material linguístico no texto a ser escrito; c) o contexto do autor do texto quanto às escolhas de registros adequados à intencionalidade e, d) Os propósitos e resultados do texto como produto inalienável. (GREUEL, 1999). Quanto ao leitor do texto, são outros fenômenos que influenciam a sua participação na re-interpretação e seu produto final. O tradutor/leitor precisa estar preparado para a observação criteriosa do texto a ser traduzido, observando que isto necessariamente está atrelado à maneira como vemos o mundo e como compartilhamos visões da nossa comunidade. Isto é:

O que vemos num texto é exatamente o que nossa “comunidade interpretativa” nos permite ler aquilo que lemos, mesmo que tenhamos como único objetivo o resgate dos significados supostamente “originais”, mesmo que tenhamos como único objetivo não nos misturarmos ao que lemos (ASCHER, 2001, p 19).

Corroborando com o autor, podemos dizer que só se pode traduzir um texto a partir do que já se conhece e se tem contato, não há possibilidade de traduzir sem estes fatores influenciadores. Segundo o autor acima, o texto perde a sua originalidade a partir do instante em que se materializa. As interpretações são novas leituras a partir de novas concepções, novas experiências de vida, nova visão de mundo e novos contextos situacionais. Desta forma, os registros a serem vertidos para outra língua têm trajetórias diversas de identificação com o texto original. Isto se pode perceber com os exemplos a seguir:

Por exemplo: Quando efetuamos uma pergunta simples.

1. Como se diz, mosca em Guarani/Kaiowa? – Mosca tem o nome de *Mberu*.

Mas veja agora!

2. Como se diz, telefone em Guarani/Kaiowa? – Certamente alguns responderiam telefone outros tal vez, responderiam pumbyry.

No exemplo 1 – podemos dizer que tanto os Guarani como os Kaiowá dariam as mesmas respostas, pois as duas comunidades convivem com este inseto, ou seja, faz parte da comunidade interpretativa do tradutor (considerando que o tradutor é um indígena).

No exemplo 2 – podemos analisar de duas maneiras, a primeira diz respeito à primeira resposta - a do telefone. Esta resposta provavelmente seria dada por um indivíduo de uma aldeia próxima a cidade, pois é possível que no seu dia a dia ele utilize este empréstimo da língua portuguesa na sua interação comunicativa. A segunda diz respeito à segunda resposta – a do pumbyry– esta resposta provavelmente, seria dada por indivíduos de aldeias próximas às fronteiras com Paraguai, visto que esse léxico (pumbyry) está convencionado naquele país e a contínua comunicação entre os povos dos dois países permite uma inserção de léxicos do Guarani Nhandeva do Paraguai na comunicação do dia a dia dos indígenas dessa região. Segundo Ascher: *“Nenhuma tradução pode ser exatamente fiel ao “original” porque o “original” não existe como um objeto estável, guardião implacável das intenções originais de seu autor”* (ASCHER, 2001, p 17).

Isto é, ao analisarmos uma tradução com o original, estaremos somente comparando à nossa interpretação do original que, por sua vez, jamais poderá ser exatamente a mesma que a do tradutor ou do autor. O importante então é se aproximar o máximo das intenções do autor do texto original.

6. Procedimentos técnicos de tradução

Estes modelos de tradução que adotamos são os mesmo utilizados por: Barbosa, H.G. (1990) e pela maioria dos autores que estudam os pressupostos teóricos de tradução entre eles: Vinay e Darbelnet (1997), Catford (1965). Newmark (1988) e Aubert (1987)

6.1. Tradução palavra por palavra

É aquela tradução que se transfere uma frase de uma língua como ela se apresenta na língua original. (palavras soltas, frases curtas etc.). Seu uso é bastante restrito, pois as convergências nem sempre se dão satisfatoriamente. Cabe destacar que as línguas estão compostas de elementos linguísticos que postas em ordem sintagmáticas expressam os sentidos e as intenções do interlocutor. Em cada comunidade linguística existe um determinado conjunto de unidades significativas que compõem as frases, estas mesmas unidades transferidas para a sua representação na escrita podem estar ou não presentes numa outra comunidade, ou seja, uma frase, oração ou texto pode conter um conjunto determinado de signos linguísticos que não necessariamente aparece nos escritos de outra comunidade. Este modelo de tradução só ocorre em sentido específico vejamos seguir:

Quadro – 1

ESPAÑHOL	PORTUGUÊS
Carlos visita a su madre.	Carlos visita à sua mãe.
Esta casa es mía	2. Esta casa é minha

No exemplo 1 – Vemos que os constituintes das duas línguas são os mesmos, ou seja, temos: Nome + Verbo+ prep.+ Poss.+ Substantivo, isto ocorre tanto na língua portuguesa quanto na língua espanhola, então podemos dizer que esta modalidade pode ocorrer com línguas próximas, como é o caso do Português e do Espanhol, cuja origem é a mesma: Latim.

No exemplo 2: Os fenômenos de tradução são semelhantes se considerarmos que os elementos utilizados nas duas línguas também são os mesmos, cabe destacar que nos dois exemplos citados os sentidos e significados entre as duas línguas são os mesmos.

Temos então: Demonstrativo+ Subst.+ Verbo + Poss.- (Português – Espanhol)

Quadro - 2

Vale à pena considerar que tomamos como ponto de partida que o tradutor é um indivíduo Guarani/Kaiowá. Nessa perspectiva, é conveniente que esclareçamos as siglas que estaremos utilizando para desenvolver estas reflexões. Usaremos LO (Língua de origem) para definir o objeto de tradução e LA (Língua Alvo) para definir a língua traduzida e ainda, G/K (Guarani/Kaiowa)¹⁴³ para referirmos às comunidades em questão.

¹⁴³ Utilizamos a grafia paraguaia por entender que a maioria das aldeias da região do Cone Sul de Mato Grosso do Sul utiliza esse modelo de escrita, enquanto que a grafia da Língua portuguesa é utilizada com menos frequência.

PORTUGUÊS	GUARAN/KAIOWÁ
1. Carlos senta aqui.	1.Kalo oguapy ápe
1. A moça é bonita	2. Pe Kuñataĩ porã
2. A moça é bonita	3.Kuñataĩ porã

Ao observarmos estas frases, notamos que neste caso os constituintes das frases são semelhantes: Nome + Verbo + adjunto adverbial – Este fenômeno ocorre tanto na Língua portuguesa quanto na Língua Guarani. No 2 – observa-se que as frases estão formadas por: Artigo + Subst. + Adjetivo. No 3 – Estas frases embora pareçam semelhantes é importante destacar que: Na frase da Língua portuguesa aparecem: Artigo definido + substantivo + verbo + adjetivo enquanto que na Língua Guarani temos: Ausência de artigo + substantivo + ausência de verbo + adjetivo, isso ocorre porque não existe a categoria gramatical artigo nessa língua e o verbo ser normalmente não é marcado, só acontece em casos específicos. Na Língua Guarani a função dos artigos pode ser exercida pelos demonstrativos como podemos observar na frase - 2 do quadro anterior: O demonstrativo *pe (esse/a)* tem função regular de demonstrativo, contudo, neste exemplo cumpre a função de artigo, neste caso – Artigo - **A** moça.

6.2. A Tradução Literal

É aquela em que se mantêm uma fidelidade semântica,adequando, porém, a morfossintaxe às normas gramaticais da LA (cf. AUBERT, 1987).

GUARANI/KAIOWA						PORTUGUÊS	
<i>Umi kavaju morotĩ oñani ñu rehe</i>						<i>(aquele cavalo branco corre campo pelo)</i>	
<i>Umi</i>	<i>kavaju</i>	<i>morotĩ</i>	<i>oñani</i>	<i>ñu</i>	<i>rehe</i>		
↓		↓		↓		↓	↓
Terarangue	Tero	Ñe'ėjeja	Ñe'ětéva	Tero	Ñe'ẽ renondegua		
(Pronome)	(Subst)	(Adj)	(Verbo)	(Subst)	(Prep. + artigo)		
↓		↓	↓	↓	↓	<div style="position: absolute; top: 0; right: 0; width: 50%; height: 50%; border-left: 1px solid black; border-bottom: 1px solid black;"></div>	
Aquele	cavalo	branco	corre	pelo		<div style="position: absolute; top: 0; right: 0; width: 50%; height: 50%; border-left: 1px solid black; border-bottom: 1px solid black;"></div>	
						<div style="position: absolute; top: 0; right: 0; width: 50%; height: 50%; border-left: 1px solid black; border-bottom: 1px solid black;"></div>	
						<div style="position: absolute; top: 0; right: 0; width: 50%; height: 50%; border-left: 1px solid black; border-bottom: 1px solid black;"></div>	

Esta modalidade de tradução diz respeito ao cuidado com o conteúdo a ser traduzido, e adaptando as estruturas linguísticas ao sistema da LA. O que ocorre quando traduzimos uma frase da Língua Guarani para a Língua portuguesa. Podemos observar que, a Língua Guarani tem os seguintes constituintes: Demonstrativo + substantivo + adjetivo + Verbo + substantivo + Posposição, enquanto que na Língua portuguesa temos: Demonstrativo + substantivo + verbo + prep+art. + substantivo.

Vemos então que há deslocamento de unidades linguísticas entre as duas línguas, as posposições ocorrem logo após o termo regido enquanto que as preposições em Português ocorrem antes do termo regido; no entanto, em ambos os casos funcionam como conectores.

4.3. A transposição

Consiste na mudança de categoria gramatical de elementos que constituem o segmento a traduzir.

PORTUGUÊS	GUARANI/KAIOWA
<i>Do que a terra mais <u>garrida</u></i>	<i>Pe yvy iporãve</i>
	<i>Terra mais bonita</i>

Observa-se que há mais de uma opção de tradução, ou seja, a tradução nem sempre ocorre com a mesma característica do texto original, mas deve preservar o sentido completo naquele contexto situacional.

Cabe salientar algumas características destas frases: Temos duas frases em Língua portuguesa: 1. *Do que a terra mais **garrida*** – 2. *A terra mais **bonita***. Na frase -1- temos um verso do Hino Nacional Brasileiro, sabe-se que os itens lexicais contidos neste Hino foram colocados em concordância com a Língua utilizada na época em que foi escrito, além disso, são itens lexicais que na língua indígena não encontraríamos correspondentes exatos, procura-se então outras modalidades da língua para dizer o mesmo com outras palavras com aproximação do sentido original. Na frase – 2- foi feito a tradução literal, para que se possa observar que não são os mesmos signos linguísticos, contudo, esta ausência não interfere na comunicação na língua Guarani/kaiowa.

6.0 Palavras finais

Qualquer tradutor digno deste nome vive em contínua relação do seu mundo com o do outro. A cada página que se traduz surgem novas provas que o convencem que a confrontação operada no seu cérebro, dos dois sistemas de formas e de estruturas instrumentais é, afinal, a

de dois polissistemas. O que mais separa as nossas línguas, ditas naturais, de qualquer sistema de informação elaborado logicamente, matematicamente, de qualquer código de ordenação monossistemático, é exatamente isto: Cada língua (a Língua portuguesa, a Língua Guarani e Kaiowa etc.) é, na realidade, um feixe de línguas, um conglomerado de constantes e de variantes.

Desse modo, os dialetos, os fatores regionais e locais, as línguas específicas dos diversos grupos sociais, das distintas situações socioculturais, apenas se definem como tal em relação a um denominador comum, uma “norma”, uma “língua *estandard*”¹⁴⁴, com a qual se identificam, através de uma maioria de constantes, ao mesmo tempo que dela se afastam por meio de uma minoria de variantes (minorias essas, por vezes, muito fortes).

Mesclados na língua materna, neste conjunto de línguas parciais, todos nós, uns mais do que outros, somos plurilíngües. Desde o momento em que aparecemos no mundo como seres humanos, somos submetidos às línguas (gem) que nos tornam indivíduos usuários de várias línguas em um mesmo território, isto é, quando somos crianças adquirimos uma língua com riquezas de variantes dialectais, e estas variantes se modificam no transcurso de nossas vidas. Estas percepções fazem parte do indivíduo tradutor e o espaço em que ele deve transitar é por vezes, longo e sinuoso, e, o resultado do seu trabalho só será compreendido a partir de sua própria observação e a dos leitores do seu trabalho.

A consideração descrita neste trabalho não tem a pretensão de dar por encerrada esta discussão, o objetivo proposto é à luz das teorias da tradução permear os futuros trabalhos a serem desenvolvidos pelos docentes nas comunidades indígenas G/K.

7.0 REFERÊNCIAS

ARROJO, Rosemary. **Oficina de tradução**. Ed. Pontes, 1986. SP.

_____. **O signo desconstruído**. Implicações para a tradução, a leitura e o ensino. Ed. Pontes, 2003. SP

ASCHER, N. Vizioli, P. **Discutem Jhonn Donnein**: Arrojo, R. A que são fieis tradutores e críticos da tradução? Rio de Janeiro, Ed. Imago, RJ, 1993.

AUBERT, H. F. **Modalidades de tradução**. Teoria e Resultados. Ed. CITRAT/FLCH. SP. 1998. p.99-128.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Ed. HUCITEC. Tradução. Laud, Michel e Vieira, F, Yara. 12ª Edição. 2006.

¹⁴⁴ Língua padrão, normativa.

- BARBOSA, H.G. **Procedimentos técnicos da tradução**, Campinas, Ed. Pontes, 1990.p.19.61
- CARDOSO Faria V. **Aspectos Morfossintáticos da Língua Kaiowá (Guaraní)**. Ed. Unicamp. Campinas, SP. 2009. (Tese de Doutorado).
- GREUEL, M.V. da. **Reflexões fenomenológicas sobre a teoria da Tradução**. Cadernos de Tradução, Departamento de Línguas e Literatura Estrangeira (DLLE), N° 1, Ed. UFSC, 1996, p.27-36.
- GROSJEAN, F. **Life With Two Languages: An introduction to Bilingualism**. Cambridge: Harward University Press, 1982.
- GUMPERZ, J. J. **Discourse strategies**. Cambridge Harward University Press, 1982.
- ORECCHIONI- KERBRAT, Catherine. **Análise da conversação: Princípios e Métodos**. Ed. Parábola, SP. 1996.
- LIMA Mendonça L. **¿Qué tienen en común la traducción y la enseñanza del español como lengua extranjera?** Ed. Minsiterio de Educación Catalana y Deportes. Anuario brasileño de Estudios Hispánicos. España, 1999, p.39-52.
- MATOSSO, Câmara jr. Joaquim. **História e estrutura da Língua portuguesa**. Ed. Padrão, RJ, 1975.
- ROMAINE, Suzanne. **Language in Society:An Introduction to Sociolinguistics**. Ed. Osford, Univarsity Press.1994.